



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CERRO LARGO

CURSO DE AGRONOMIA

LARA BETINA VORPAGEL

**AGRICULTURA E GÊNERO: A CATEGORIA FEMININA NA SUCESSÃO
RURAL**

CERRO LARGO

2017

LARA BETINA VORPAGEL

**AGRICULTURA E GÊNERO: A CATEGORIA FEMININA NA SUCESSÃO
RURAL.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como parte das exigências do Curso de Graduação em Agronomia, para a aprovação na disciplina de TCC – II.

Orientador: Professor Dr. Evandro Pedro Schneider

CERRO LARGO

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Vorpagel, Lara Betina
Agricultura e gênero: a categoria feminina na
sucessão rural: -/ Lara Betina Vorpagel. -- 2017.
53 f.:il.

Orientador: Evandro Pedro Schneider.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Agronomia , Cerro Largo, RS, 2017.

1. Êxodo rural. 2. Masculinização. 3. Envelhecimento.
4. Mulheres jovens. I. Schneider, Evandro Pedro, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LARA BETINA VORPAGEL

**AGRICULTURA E GÊNERO: A CATEGORIA FEMININA NA SUCESSÃO
RURAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Bacharel em
Agronomia.

Orientador: Professor Dr. Evandro Pedro Schneider

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

05 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Evandro Pedro Schneider.

Prof. Dr. Evandro Pedro Schneider – UFFS

Debora Leitze Betemps

Prof^a. Dr^a. Débora Leitze Betemps – UFFS

Carla Daniele Sausen.

Eng^a. Agr^a. Me. Carla Daniele Sausen – EMATER/RS-ASCAR

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos no mínimo fará coisas admiráveis.”

José de Alencar

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, é difícil agradecer todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte dessa trajetória, tanto nos momentos bons como nos mais apreensivos, por isso, agradeço a todos de coração.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, por me proporcionar saúde para enfrentar a luta do dia a dia e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, Mário e Venilda, pelo amor, incentivo e apoio incondicional em todas as horas. A minha irmã Eduarda, por todo o companheirismo e por sempre estar disposta em auxiliar na realização deste trabalho.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Evandro, pela oportunidade, confiança, apoio, aprendizado e ajuda na elaboração deste estudo.

A Universidade Federal da Fronteira Sul pela oportunidade oferecida.

A todos os professores da instituição, pelos ensinamentos ao longo da graduação.

A Prof.^a Dr.^a. Débora e a Eng.^a. Agr. Me. Carla, pelo aceite em ser banca examinadora juntamente com o Prof. Dr. Evandro.

As famílias das comunidades rurais de São Paulo das Missões que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Muito obrigada!

RESUMO

A sucessão rural seletiva vem tornando-se objeto de estudo nos últimos anos. Os processos de masculinização e envelhecimento da população rural ocorrem, dentre outros fatores, a partir da modernização e da entrada da tecnologia agrícola, que substitui a mão de obra reduzindo o número de pessoas necessárias para a condução de uma unidade de produção, e, conseqüentemente, parte desta mão de obra acaba sendo direcionada para atividades não agrícolas ou deslocadas para centros urbanos. A permanência da mulher no meio rural é fundamental na estruturação do núcleo familiar e vem ganhando destaque com o reconhecimento da importância da agricultura familiar que é um modelo de produção que, geralmente, utiliza mão de obra própria. O objetivo geral da pesquisa foi avaliar as causas da permanência e evasão das mulheres do meio rural de quatro localidades no município de São Paulo das Missões/RS. Como ferramentas metodológicas utilizaram-se o referencial teórico e aplicação de 39 entrevistas semiestruturadas, aplicadas a mulheres entre 15 e 29 anos, residentes em quatro comunidades selecionadas de acordo com a localização geográfica, sistemas de produção adotados e nível organizativo da juventude rural. Os resultados apontam a continuidade do processo de migração das mulheres jovens para a cidade em busca de educação ou emprego sendo 79% das jovens entre 15 e 20 anos, e 60% das mulheres entre 20 e 29 anos pretendem permanecer. Destaca-se entre as repostas uma tendência à busca por trabalho pluriativo, onde 33% desejam continuar residindo no meio rural, porém, trabalhando na cidade. Constata-se que a participação em atividades religiosas e organizativas das comunidades influenciou sobre as perspectivas de continuidade no meio rural. No entendimento das entrevistadas destaca-se a importância das políticas públicas como meio de manter as jovens na atividade rural, somado a renda, acesso, tecnologia, valorização. As comunidades diferem quanto a expectativa de permanência, sendo a comunidade da Linha Lavina a que mais jovens pretendem permanecer em relação ao número de entrevistadas.

Palavras-Chave: Êxodo rural. Masculinização. Envelhecimento. Mulheres jovens.

ABSTRACT

Selective rural succession has become an object of study in recent years. The processes of masculinization and aging of the rural population occur, among other factors, from the modernization and entry of agricultural technology, which replaced the labor force by reducing the number of people needed to run a production unit, and consequently, part of this labor ends up being directed to non-agricultural activities or displaced to urban centers. Women permanence in rural environment is fundamental to family structuring and has gained prominence with the importance recognition of family farming, which is a production model that usually uses its own labor force. It was sought to understand the reasons why women are staying or opting for the exit of the rural communities of the municipality of São Paulo das Missões, state of Rio Grande do Sul, in Brazil. As methodological tools, it was used the theoretical reference and the application of 39 semi-structured interviews, applied to women between 15 and 29 years old, living in four communities selected according to geographic location, production systems adopted and organizational level of rural youth. The results point to the continuity of the process of migration of young women to the city in search of education or employment with 79% of young women between 15 and 20 years old, and 60% of women between 20 and 29 years old intending to remain. Among the responses, a tendency to search for pluriactive work stands out, where 33% desire to continue living in rural areas, however, working in the city. It is observed that the participation in religious and organizational activities of the communities influenced the prospects of rural continuity. In the opinion of the interviewees, the importance of public policies as a means of keeping young women in rural activity, along with income, access, technology, valorization, stands out. The communities differ when the expectation of permanence, being the community of Lavina district that more women or girls intend to remain in relation to the number of interviewed.

Keywords: Rural succession. Selective. Masculinization. Aging. Female category.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização do município de São Paulo das Missões/RS.....	15
Figura 2 - População do município estimada no ano de 2000.....	29
Figura 3 - População do município estimada no ano de 2015.....	30
Figura 4 - Características da população.....	30
Figura 5 - Mapa do município de São Paulo das Missões com destaque às comunidades selecionadas.....	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Faixa etária das entrevistadas.	33
Gráfico 2. Nível de escolaridade das jovens entrevistadas.	35
Gráfico 3. Principais atividades agrícolas desenvolvidas pelas famílias das jovens entrevistadas.....	35
Gráfico 4. Forma de distribuição da herança na geração anterior das famílias dos pais das entrevistadas.....	37
Gráfico 5. Porcentagem de jovens entrevistadas pertencentes as religiões Protestante, Católica e Evangélica.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Vantagens e desvantagens de viver no meio rural apontadas pelas jovens entrevistadas no interior de São Paulo das Missões/RS.....	40
Quadro 2. Caracterização das comunidades rurais onde residem as entrevistadas.....	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	16
1.1.1	Objetivo geral	16
1.1.1.1	Objetivos específicos.....	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	A AGRICULTURA E O ÊXODO RURAL	17
2.2	A AGRICULTURA FAMILIAR E A QUESTÃO DA SUCESSÃO RURAL	18
2.3	A CATEGORIA FEMININA NO MEIO RURAL	20
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
4	CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	29
4.1	HISTÓRICO E POPULAÇÃO	29
4.2	AGRICULTURA.....	30
4.3	CARACTERIZAÇÕES DAS COMUNIDADES	31
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
	APÊNDICE A – Questionário	51

1 INTRODUÇÃO

A agricultura é uma das principais atividades em nosso país, tendo grande importância econômica na geração de renda. É um campo de destaque pelo fato do país possuir grande extensão territorial e ter condições favoráveis para os mais diversos cultivos. Desde o início da colonização até o século XXI é uma das principais bases econômicas. Parte da economia do Brasil é dependente da agricultura: o setor gera empregos para 22% da população ativa do país e 20% das exportações são resultantes de produtos agrícolas (MDIC, 2016).

Com a modernização e a entrada da tecnologia, que substitui a mão de obra reduzindo o número de pessoas necessárias para a condução de uma unidade de produção, uma parte desta mão de obra acaba sendo direcionada para atividades não agrícolas, em muitos casos isto é acompanhado de um processo de saída do meio rural, com tendência a ficar no campo os casais considerados chefes de família, saindo jovens com prioridade às mulheres, e, assim vem ocorrendo o processo de envelhecimento e a masculinização da população rural.

Estudos apontam que a migração de jovens rurais é frequente: eles vão em busca de condições de vida na qual supõe ser melhores e também procuram algum tipo de formação e ensino. Observa-se que esta migração é maior por parte das mulheres resultante da cultura das famílias rurais, onde as moças são menos valorizadas e subordinadas aos maridos e pais. Outra questão é quanto ao envelhecimento dos responsáveis pelas unidades de produção: é visível o desinteresse dos filhos e filhas em continuar na mesma atividade especialmente devido à dificuldade de integração econômica dos jovens à unidade familiar, levando os estabelecimentos rurais familiares a ficar sem sucessores.

A figura feminina sempre assumiu papel de menor importância em relação à figura masculina, gerando certo preconceito por parte da sociedade onde o trabalho da mulher rural não tem o devido reconhecimento, apesar de realizar atividades importantes no meio. O trabalho das mulheres nas atividades agrícolas produtivas costuma ser indispensável, mas, mesmo assim

não possui igualdade em relação ao gênero. Autores citam que há séculos passados essa distribuição já era desigual, onde a divisão do trabalho era feita pela importância da atividade, ou seja, as atividades lucrativas eram realizadas pelos homens e as menos ou nada lucrativas, pelas mulheres (SCHNEIDER e SILVA, 2010).

No Brasil, o êxodo rural tem seu estudo iniciado nas últimas décadas, e “é bastante difundida – e não só entre os especialistas da área - a informação de que, entre 1960 e 1980, o êxodo rural brasileiro alcançou um total de 27 milhões de pessoas” (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 6). Foram poucos os países que tiveram movimentos tão intensos de migração.

Já a sucessão rural seletiva, vem a ser foco de análise a partir dos últimos anos, conforme estudos de Camarano e Abramovay (1999). A constante migração de, principalmente, mulheres e jovens para o meio urbano em busca de melhores oportunidades, seja de emprego ou de alguma formação, e também por possuir uma visão pessimista do meio em que vivem, tem causado preocupações. Essa migração é ainda mais caracterizada por ser da parte de mulheres mais jovens pelo fato de não ter o seu valor reconhecido.

A permanência da mulher no meio rural é fundamental na estruturação do núcleo familiar e vem ganhando destaque com o reconhecimento da importância da agricultura familiar que é um modelo de produção que, geralmente, utiliza mão de obra própria.

O reconhecimento da figura feminina no meio rural passa a ocorrer a partir da identificação da importância das ações ligadas à produção para o autoconsumo e na valorização da dupla jornada de trabalho, que inclui o cuidado com a educação dos filhos, a realização de tarefas domésticas e a produção agrícola.

A agricultura familiar em nosso país é de grande importância, pois compreender os processos que ocorrem nesse setor leva a evitar problemas sociais. Segundo dados do último Censo Agropecuário, realizado em 2006, mais de 80% do total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros pertencem a grupos familiares. Ainda segundo o Censo, ela constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes; corresponde por 35% do produto interno bruto nacional; e integra 40% da população economicamente ativa do país. Referente à população

economicamente ativa identifica-se em trabalhos de autores como (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; ANJOS; CALDAS, 2005; FROELICH, 2011), uma mudança significativa na composição de gênero e idade.

Os dados do Censo Agropecuário foram obtidos a partir da classificação da Lei nº 11.326/2006, Art. 3º, onde pode ser considerado agricultor familiar e empreendedor aquele cujo pratica atividades no meio rural e atende, ao mesmo tempo, aos seguintes requisitos: não possua área maior do que quatro módulos fiscais; que utiliza mão-de-obra da sua família; possua renda familiar originada do seu estabelecimento ou empreendimento; e gerencie o estabelecimento com sua família.

O processo de trabalho se organiza com base em relações de parentesco, coordenado pelo pai que assume o papel de chefe do processo produtivo por ser detentor de um saber agrícola que se dá também na prática cotidiana, da qual participam um ou mais membros familiares. Trata-se de um saber-fazer que será transmitido aos filhos através das atividades agrícolas, cujo processo trata de inserir os filhos na lógica de trabalho e produção envolvendo a sua preparação para que no futuro, possam assumir definitivamente a propriedade familiar (COSTA, 2006, p.17-18).

Spanevello (2008) destaca que a agricultura familiar é uma das grandes responsáveis pela produção de alimentos de subsistência, continuação das relações sociais e conservação do meio ambiente. O que deixa ainda mais evidenciado a importância do presente estudo, pois não existindo pessoas dispostas a trabalhar no meio rural, a agricultura familiar pode entrar em colapso. Destaca-se no estudo de Grisa (2007), a importância da produção para o autoconsumo na agricultura familiar, que se mantêm na vida dos agricultores e desempenha funções para a reprodução e também no que diz respeito à manutenção da autonomia.

É importante, também, debater as perspectivas que as mulheres mais jovens do meio rural têm quanto ao seu futuro profissional, se pretendem ou não permanecer no mesmo e buscar analisar as estratégias tomadas pelas famílias expondo as questões que surgem no processo sucessório referido ao gênero.

A permanência ou não do jovem e principalmente da mulher na propriedade, deve-se a condições econômicas e sociais responsáveis por restringir ou oportunizar o que podem realizar neste meio. Segundo Camarano e Abromavay (1999), normalmente as mulheres são mais excluídas no

processo de sucessão familiar. Por este motivo migram para as cidades mais que os homens o que contribui para o processo de masculinização.

Historicamente a importância do Estado do Rio Grande do Sul - RS para o fornecimento de alimentos a nível nacional já é reconhecida. A agricultura se faz presente em praticamente todas as regiões do Estado. A maior parte dos estabelecimentos rurais do RS se enquadra nos critérios denominados de agricultura familiar. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, apesar deste setor utilizar somente 30% da área, é responsável por uma grande parcela do valor de produção do RS.

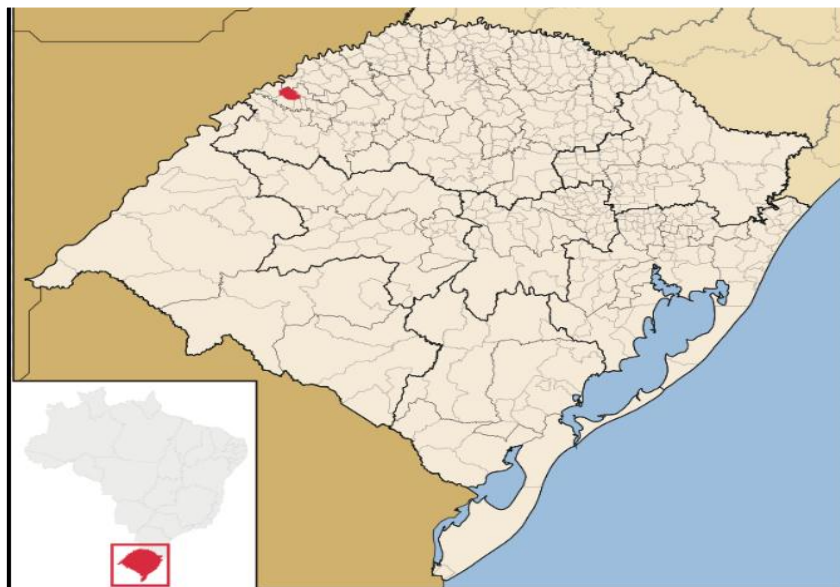
O território das Missões situa-se na região noroeste do RS e é composto por 26 municípios. Segundo Wiest (2005), essa região se constitui em um espaço histórico no contexto latino-americano, tendo em vista a experiência jesuítico-guarani, onde se implantou os Sete Povos das Missões. A região possui grande influência de alemães e italianos. Predominam os cultivos de soja, milho, trigo e canola e também vem ganhando destaque na produção leiteira. A agricultura familiar é a que predomina na região missioneira.

O município de São Paulo das Missões (Figura 1), onde foi realizado o presente estudo, não foge das características regionais, possuindo grande número de pequenas propriedades familiares. Essa caracterização é devida à colonização, oriunda de um pequeno grupo de colonos, de origem alemã, vindos da “Colônia Velha”, ou seja, da região de Novo Hamburgo e São Leopoldo. A base econômica do município é a agropecuária, tendo como principais culturas a soja, milho, trigo e fumo. Na pecuária, destaca-se a produção de leite e, também, a suinocultura e a bovinocultura de corte que estão em constante crescimento.

Segundo dados do IBGE (2016), o município de São Paulo das Missões conta com uma população estimada de 6.313 habitantes. Porém, no último censo realizado pelo mesmo instituto, em 2010, o qual possui dados mais específicos, a população estimada era de 6.367 habitantes, destes, 4.164 residiam no meio rural, divididos em 2.159 homens e 2.005 mulheres. Analisando essas informações, percebe-se que o município é basicamente constituído por uma população rural e que uma parte significativa são mulheres.

O expressivo número de mulheres que residem no meio rural do município faz com que esta seja uma característica que foge do esperado para a região, Estado e até do país. Isso despertou ainda mais o interesse para a análise dos fatores que levam elas a permanecer nesse meio.

Figura 1 - Mapa de localização do município de São Paulo das Missões/RS.



Fonte: IBGE (2010).

A realização de um estudo sobre a categoria feminina na sucessão rural se faz oportuno para compreender as mudanças socioeconômicas e culturais recentes que podem, com o tempo, comprometer a continuação da propriedade rural e também, alterar o futuro da família e comunidades. Por isso buscou-se realizar este estudo para demonstrar o significado desta permanência para o desenvolvimento geral do município de São Paulo das Missões.

Buscar entender os motivos pelos quais as mulheres estão permanecendo nas comunidades rurais é de grande importância, pois com o surgimento e conseqüente evolução da agricultura familiar, a categoria feminina vem conquistando um significativo espaço. Compreender os fatores que levam a saída ou que poderiam estabelecer novas possibilidades de permanência de mulheres jovens no meio rural possibilita a criação de estratégias de superação deste, que é apontado atualmente como um fator de desequilíbrio populacional no campo.

1.1OBJETIVOS

Conhecer os principais motivos que levam as mulheres a sair ou permanecer no meio rural e a importância que isso gera no processo de sucessão familiar das propriedades rurais.

1.1.1Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa foi avaliar as causas da permanência e evasão das mulheres do meio rural de quatro localidades no município de São Paulo das Missões.

1.1.1.1Objetivos específicos

- identificar quantas mulheres da idade estabelecida na pesquisa, residem nas comunidades;
- quais são os motivos delas permanecer na mesma;
- e as que pretendem sair, quais são as possíveis causas que levam a essa migração.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A AGRICULTURA E O ÊXODO RURAL

Há pelo menos 10.000 anos a.C. a atividade agrícola, no sentido de produção de plantas e criação de animais em um determinado local, visando a alimentação de uma comunidade, é mencionada. Nesse período, a utilização do fogo para limpar áreas, de ferramentas para o cultivo da terra e de plantios sem o ideal preparo do solo eram práticas que proporcionavam a formação das primeiras aglomerações humanas, fixas ou não (MAZOYER; ROUDART, 1997).

Daquele período até os tempos atuais, muita coisa mudou e a agricultura foi-se espalhando por todo o mundo. Conforme Assad e Almeida (2004) os animais criados e as plantas cultivadas passaram por transformações genéticas, o que permitiu a sua adaptação. Também, aumentou-se a diversificação de produtos resultantes da atividade agrícola.

Barros e Silva (2004) salientam que os aumentos de produtividade favoreceram a eficiência e concorrência do agronegócio brasileiro e isso foi alcançado devido a uma legítima revolução tecnológica.

Diante disso, a modernização da agricultura brasileira realizou-se parcialmente. O domínio das grandes propriedades com relação à força de trabalho dos agricultores resultou em uma situação de miséria pra alguns agricultores (BRUMER et al., 1993).

De tal forma, o êxodo rural é um processo social muito complexo, retido historicamente às mudanças na economia. O conceito de êxodo rural faz referência à população rural que depende economicamente do setor agrícola, migra para fora do setor por um determinado período ou definitivamente. A origem das séries migratórias é relacionada com a dependência econômica das pessoas relativa ao seu destino, os chamados pontos de atração, ou seja, com outros setores da economia que se tornaram dependentes (ABRAMOVAY, 1999).

Nos últimos 50 anos, o desenvolvimento da população rural brasileira tem sido marcado pela sua elevada diminuição. Na atualidade essa diminuição perdeu a intensidade, em termos de porcentagens, porém, continua presente e, em alguns locais se mantém elevada. Segundo Froehlich et al., (2011), apesar do êxodo rural ser mais intenso até a década de 1980, ele era mais uniforme quanto a idade e ao sexo. Todos os membros da família abandonavam a vida rural, obrigavam-se a isso pelo rápido processo de industrialização que o país passava. Ainda, segundo o autor, nas últimas décadas a realidade desse processo foi modificada com a criação de políticas públicas como a aposentadoria rural, por exemplo, incentivando a permanência das pessoas mais idosas no meio rural.

Diversos pesquisadores apontam que a mudança constatada no decorrer dos anos é a transformação do êxodo rural generalizado para um processo mais seletivo, onde geralmente a população de mulheres, jovens e fortemente produtivas se remete às cidades (ANJOS; CALDAS, 2005; RAUBER, 2010).

Para Rauber (2010), a masculinização rural deve receber mais atenção por parte de pesquisadores e também mentores de políticas públicas, pois é um problema que afeta diretamente em todo desenvolvimento rural. A sustentabilidade social dos espaços rurais vem sendo comprometida e a formação da família também está sendo afetada.

Para Camarano e Abramovay (1999), somente os estudos regionais possibilitam a elaboração de hipóteses que expliquem o processo ou a tendência de masculinização entre os jovens rurais.

No Rio Grande do Sul é possível verificar a predominância das mulheres nos centros urbanos maiores. Por exemplo, em Porto Alegre, desde 1950 a proporção de mulheres é maior (JARDINY, 2002). Contrapondo essa informação, na área rural gaúcha, as mulheres se tornam mais numerosas que os homens somente após os 75 anos (ANJOS; CALDAS, 2005).

2.2 A AGRICULTURA FAMILIAR E A QUESTÃO DA SUCESSÃO RURAL

A agricultura familiar é fundamental no meio rural para assegurar o seu desenvolvimento, pois além da produção de alimentos, é responsável, também, pela continuidade das atividades no meio e, não é de hoje que vem passando por momentos conturbados. Para diversos autores (GUANZIROLI; CARDIM, 2000; WANDERLEY, 2001), a agricultura familiar é aquela praticada basicamente pelos membros da família, ou seja, essa mão de obra familiar é maior a do trabalho que é contratado e ao mesmo tempo a família é proprietária dos meios de produção.

Del Grossi e Silva (2002, p.17-18) colocam que: “a expansão da modernização, e principalmente da terceirização das tarefas agrícolas, conduz a uma individualização da atividade agrícola, com reflexos importantes na organização do trabalho familiar”. Ou seja, o trabalho que anteriormente era realizado por toda família, agora pode ser feito por apenas um integrante. Para Silvestro et. al. (2001) a migração dos jovens para os grandes centros urbanos, a agricultura familiar passa por momentos de instabilidade, o que, conseqüentemente ameaça a continuidade das unidades de produção familiares no Rio Grande do Sul.

Brumer e Spanevello (2008) supõem que a agricultura familiar está enfrentando problemas no que diz respeito a sua reprodução social, em virtude das incertezas sucessórias das Unidades de Produção Familiares (UPFs). O novo perfil da questão sucessória levanta a possibilidade de descontinuação da agricultura familiar e das UPFs. A presença de pais sem sucessores pode ser que signifique pais sem apoio dos filhos na velhice; além do mais, pode ter sentido de que o futuro da propriedade não seja da família e conseqüentemente passe para outros proprietários.

Dalcin e Troian (2009) concluíram que:

Dentre as principais implicações dos processos que vem se agravando nos últimos anos está o que se pode denominar “problema da questão sucessória” na agricultura, que acontece quando a formação de uma nova geração de agricultores perde a naturalidade com que era vivida até então pelas famílias e pelos indivíduos envolvidos nos processos sucessórios (DALCIN e TROIAN, 2009,p.6).

Dar seqüência as atividades são necessárias em propriedades familiares para que se possam manter futuras gerações no patrimônio familiar. Contudo a sucessão nas mesmas está ficando nas gerações passadas, pelo fato de que

muitos jovens não têm interesse em seguir a profissão dos pais. Conforme exposto por Redin (2011), o processo sucessório não acontece de uma hora para outra, pois são muitos os pontos que devem ser levados em conta até o filho sucessor assumir a propriedade, o que gera insegurança nos jovens que sucederem os pais.

Spanevello (2008), afirma que algumas características favorecem a permanência dos jovens na agricultura e assim aumentam a possibilidade das propriedades familiares em se ter sucessor.

A sucessão dos estabelecimentos familiares está associada às características familiares internas, ao processo de ensino-aprendizagem no trabalho familiar, à internalização da moral e dos valores, mas também às condições do próprio meio rural e da sua proximidade geográfica, econômica e social com as cidades (SPANEVERELLO, 2008, p. 49).

Ahlert e Chemin (2010) enfatizam outros fatores que são considerados desanimadores para os filhos ao suceder os pais nas ocupações familiares.

Em propriedades onde jovens procuram continuar atividades rurais, observa-se que uma das maiores preocupações desses produtores é quanto à insegurança patrimonial futura do imóvel. Em muitos casos na propriedade, que pertence por direito aos pais, um dos filhos da família assume a gestão, fazem investimento para adequar a infraestrutura e obtêm resultados positivos. No entanto, não tem garantia de que essa propriedade vai lhe pertencer no futuro, ou em quais condições poderá adquiri-la colocando em risco o investimento feito (AHLERT e CHEMIN, 2010, p.51).

São questões como essas que dificultam a sucessão rural, já que com isto muitos jovens ficam com receio do que irá acontecer futuramente com a propriedade. Spanevello (2008) caracteriza também o processo de sucessão, com a base no agricultor, passada pela família para o filho que deseja permanecer na propriedade. Ele afirma que:

A disposição em ser agricultor é adquirida pelos filhos como parte de um processo de atuação de toda a família. As práticas como a socialização no trabalho e demais orientações como o financiamento de estudos, a compra de outras áreas de terras para a instalação dos demais, acabam tendo como objetivo garantir a continuidade dos estabelecimentos (SPANEVERELLO, 2008, p. 53).

2.3 A CATEGORIA FEMININA NO MEIO RURAL

O conceito da palavra “gênero” atribui-se para a análise das relações sociais baseadas no sexo dos indivíduos. Antes de tudo, esse conceito destaca

a construção social que é oposta à distinção entre homens e mulheres. Scott (1995), em seu texto sobre o conceito de “gênero” ressalta que parte do pressuposto que “o gênero é a forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 88).

A migração do meio rural para o urbano se dá principalmente com as mulheres e jovens. Isso é consequência da posição que ela ocupa na família. Essa afirmação se justifica pela parte cultural das famílias em geral do meio rural, em que a mulher é vista como sendo importante somente para ajudar nas atividades agrícolas e não sendo uma precursora. Portanto, quando ela sai deste meio se sente mais valorizada consigo mesma e socialmente devido a ter mais acesso ao estudo e mercado de trabalho.

Na agricultura, estudos demonstram (DESER – CEMTR/PR, 1996) que o trabalho familiar ainda mantém desigualdades de gênero, privilegiando o homem-marido enquanto chefe de família e da propriedade. As mulheres devem cuidar da casa e das atividades de reprodução familiar, ou seja, cultivo de horta e ervas medicinais, pequenas criações, assim como a atividade leiteira. Os homens devem cuidar das atividades produtivas, ou seja, voltadas para o mercado, enquanto consideram que as mulheres apenas “ajudam”, o que reflete a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, já que as tarefas domésticas não geram renda monetária (SCHNEIDER e SILVA, 2010, p.5).

Brumer (2004) expõem dois aspectos que podem explicar a divisão de trabalhos que se estabelece entre homens e mulheres rurais. O primeiro é que a unidade familiar se caracteriza em juntar os esforços de todos os integrantes da família, visando ao benefício de todos, sendo necessária uma aproximação entre unidade de produção e de consumo. O segundo, é que estamos em uma sociedade paternalista, e de algum modo machista, onde se atribui ao homem o papel de responsável pela família. Acontece que as tarefas geralmente realizadas pelas mulheres nos meio produtivos dos estabelecimentos agropecuários exigem algumas qualidades que supostamente as mulheres (jovens e adultas) possuem ou que sua situação de trabalhadoras eventuais propícia.

Rioja (2009) menciona que há uma divisão social de trabalho, com uma histórica trajetória atribuindo as atividades domésticas para as mulheres e do extra doméstico, como cita ou de caráter produtivo, para os homens. Essa divisão, porém, não é tão explícita na agricultura familiar, pois, nesse modelo, existe uma alta necessidade de mão-de-obra. Portanto, o serviço das mulheres

costuma ser indispensáveis nos afazeres produtivos, no entanto, isso não significa igualdade nas relações de gênero.

Brumer (1998) destacou as seguintes qualidades das mulheres: a capacidade da mulher em realizar tarefas que se repetem, intensivas e cansativas; realizar diversas atividades ao mesmo tempo (o que é característica da grande parte das atividades domésticas); a viabilidade de aliar ao trabalho suas responsabilidades na área da reprodução, levando os filhos junto com elas para a lavoura; devido as suas tarefas domésticas, sua disposição para envolver-se em trabalhos temporários, que podem ser somente em um período do ano ou alguns dias ou até horas, apenas; a habilidade que possuem em realizar tarefas que requerem delicadeza e devem ser ágeis; a aceitação de uma espécie de remuneração menor se comparada à paga a homens; e a maior doçura que implica em um menor número de exigências.

Mais um fator que é decisivo para a permanência da mulher no meio rural é a questão da herança, em que na maioria dos casos, quando se tem irmãos homens, quem fica com as terras são eles (ABRAMOVAY et al., 1998). Outro aspecto importante para a escolha do sucessor, é que os assuntos relativos à terra são abordados pela figura masculina, levando as mulheres a buscarem seu espaço profissional fora da propriedade familiar.

De acordo com Carneiro (2001), as mulheres dispõem de três opções: casar, ingressar na vida religiosa ou ficar solteiras. A mesma autora ainda relata que os padrões de transferência dos bens familiares pendem a acompanhar as variações sociais e econômicas do ambiente que os agricultores estão introduzidos. Com isso, as influências causadas sob os agricultores em virtude da oportunidade de empregos no meio urbano, mudança de valores e a diminuição da importância da atividade rural geram modificações, no que se trata às formas planejadas ou combinadas pelos agricultores ao transferir o seu patrimônio.

A divisão sexual do trabalho está fortemente ligada com as interpretações da sociedade em relação aos gêneros, onde o homem, que possui um papel de provedor, executa o trabalho pesado e a mulher o trabalho mais leve, sendo caracterizado apenas como uma ajuda. Com isso, para o trabalho do homem é concedido maior valor comparado ao da mulher, o que produz uma divisão desigual de prestígio e poder (PAULILO, 1982).

Como visto, o trabalho rural está dividido no pressuposto que os homens são mais preparados fisicamente em comparação às mulheres e por isso devem ocupar essa posição de liderança e realizar os serviços considerados mais pesados, no entanto, com as facilidades promovidas pelas inovações tecnológicas na agricultura, este conceito está mudando. De acordo com Lourenzoni (2013) em entrevista ao portal Agrolink¹, as inovações tecnológicas fazem com que os equipamentos sejam mais leves, o que exige menor esforço físico na operação. É um fator que auxilia a inclusão do público feminino que eram menos acessíveis anteriormente.

Estudos apontam que as tarefas da mulher rural não estão apenas restritas ao cuidado reprodutivo, que seriam os trabalhos de cuidados domésticos, pois elas realizam também o trabalho nas lavouras e na produção de alimentos, o que não é reconhecido como algo produtivo da agricultura. Na maioria das vezes as mulheres que trabalham no meio rural nem são chamadas de agricultoras, sendo mais conhecidas como mulher ou filha de algum agricultor (NEVES; MEDEIROS, 2013).

Rohnelt e Salamoni (2010) falam que quando observado o arranjo nos espaços rurais, mais diretamente na agricultura familiar, nota-se que os mesmos têm mudado, ou então, progredindo para adaptar-se nesse meio agrícola. E em todo esse processo de adaptação, quem exerce papel fundamental são as mulheres. Isso no contexto da produção familiar sendo que são elas que adicionam atividades para auxiliar na renda familiar. Essas atividades extras podem ser trabalho em algum estabelecimento combinado ao trabalho agrícola e doméstico, artesanato.

Frequentemente as mulheres enfrentam desafios que são específicos de gêneros para a total participação na força de trabalho, o que exige a criação de políticas de intervenções além das destinadas para promover o crescimento econômico e a eficiência dos mercados relacionados aos trabalhos rurais (FAO, 2011).

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2011), realizou um trabalho na tentativa do reconhecimento do papel das

¹ AGROLINK. **Dia Internacional da Mulher: tecnologias auxiliam trabalho no campo.** Disponível em: < https://www.agrolink.com.br/noticias/dia-internacional-da-mulher--tecnologia-auxiliam-trabalho-no-campo_166371.html>. Acesso em: 07 jun. 2017.

mulheres no meio rural. O principal objetivo do trabalho refere-se às diferenças de oportunidades da mulher comparadas ao homem em relação à terra, à produção, comercialização agrícola e à tecnologia. Segundo o relatório, se elas tivessem as mesmas oportunidades em questões produtivas, a fome no mundo seria reduzida entre 12% e 17%. Além disso, este relatório destacou que: caso as mulheres tivessem as mesmas oportunidades na agricultura, o trabalho feito por elas teria como resultado um crescimento econômico importante, onde é encontrado maior força de trabalho rural feminina, ou seja, nos países em desenvolvimento.

Algumas iniciativas pela parte de acadêmicos e órgãos oficiais, em que se pode citar o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e Organização das Nações Unidas – ONU, foram criadas com a intenção de dar o devido reconhecimento ao trabalho da mulher rural. No ano de 2001, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), estabeleceu que 30% dos recursos relacionados à linha de crédito do Programa de Agricultura Familiar (PRONAF) deveriam ser destinados às mulheres, fortalecendo a importância do aumento de recursos de acesso relativos às políticas públicas voltadas à agricultura familiar.

A atuação da mulher do mercado de trabalho auxilia de maneira significativa para o crescimento de uma região ou país (GONÇALVES et al., 2011). Suas funções variam notadamente entre e dentro das regiões e estão modificando-se rapidamente em muitos lugares, onde ações sociais e econômicas estão transformando o setor agrícola (FAO, 2011).

A agricultura familiar é muito caracterizada pela divisão sexual do trabalho. Conforme Magalhães (2009), na produção leiteira, o serviço é realizado pelas mulheres e o aprendizado é passado de mães para filhas. Contudo, com o aumento e valorização da atividade leiteira, o que antes era apenas algo destinado à reprodução familiar passou a ser uma atividade voltada ao mercado e provocou mudanças nesta divisão sexual de trabalho.

De acordo com Menache e Escher (1996), as atividades produtivas que são mais destinadas ao consumo familiar, normalmente são realizadas por mulheres, enquanto atividades voltadas ao meio comercial geralmente são desempenhadas pelos homens. Destacam ainda, que as notas fiscais da venda

do leite eram emitidas no nome dos homens; os mesmos também recebem o pagamento da venda do produto e realizam os financiamentos.

Com o passar dos anos, a chegada de tecnologias que fazem uma substituição à força braçal no meio agrícola, as atividades que exigem maior força de trabalho podem ser realizadas pelas mulheres por ter se tornado prática e de manejo simples.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho buscou analisar as causas da permanência das mulheres jovens no meio rural e as implicações da evasão por parte das mesmas no processo de sucessão familiar no meio rural do município de São Paulo das Missões/RS. Para isso, foi realizada a revisão bibliográfica e dois métodos foram utilizados: a análise de dados secundários e a aplicação de entrevistas.

A revisão bibliográfica, em um primeiro momento, teve como objetivo uma reflexão sobre a situação atual da sucessão familiar nas propriedades rurais, abrangendo os processos que vem ocorrendo como masculinização e envelhecimento da população e, por fim, a situação das mulheres no espaço rural e a sua importância no mesmo.

A análise dos dados secundários foi realizada com base nas informações no *site* do IBGE, da Associação dos Municípios das Missões (AMM) e Perfil das Cidades gaúchas (SEBRAE).

O roteiro de entrevista foi formulado seguindo a metodologia de Grisa (2007) em sua dissertação de mestrado “A produção “pro gasto” um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul”, com adaptações.

Para a escolha, foi optado por famílias que têm em sua composição mulheres jovem. Para Dalcin e Troian (2009), a determinação de juventude é imprecisa, pois, pode ser quando do término dos estudos ou quando se inicia a vida profissional, da saída da casa dos pais, para formar uma nova família e, também, quanto à faixa etária. Segundo eles, no Brasil o padrão que é seguido é o de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), que considera jovem quem possui idade entre 15 e 29 anos.

A escolha das pessoas entrevistadas realizou-se por meio da amostragem não probabilística intencional, pois se considerou as características particulares do grupo em estudo. Esse tipo de amostragem tem como característica, também, selecionar um subgrupo da população, que com base nas informações disponíveis será considerado representativo de toda a população.

Para chegar, então, nas mulheres que possuem essa faixa de idade, foi buscado pelas agentes de saúde de cada comunidade que logo se mostraram dispostas a passar essas informações, pois, elas possuem o cadastro de cada família e seus componentes atualizados com o ano de nascimento de cada um.

A pesquisa envolveu um estudo comparativo. Foram escolhidas quatro comunidades rurais do município. As razões para a escolha das comunidades foram as seguintes: (a) sua localização geográfica; (b) diferentes sistemas de produção agropecuária; (c) diferenças na organização dos jovens presentes nas comunidades rurais.

Elaborou-se um roteiro semiestruturado das entrevistas (APÊNDICE A), visto a importância da elaboração do mesmo, como salientado por Binkowski (2009, p.82) quando se refere à realização de entrevistas:

[...] a entrevista é guiada por uma relação de pontos de interesse que se vai explorando ao longo da entrevista. Basicamente, as questões são abertas, havendo um roteiro que serve como guia para alcançar os objetivos da pesquisa. O roteiro tende a funcionar como um lembrete para o entrevistador/observador, além de ser (tornar-se) um meio de monitorar o andamento e o tempo da entrevista.

Quanto às entrevistas ser do modelo semiestruturadas, optou-se por esse, pois é uma combinação de perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistador poderá discorrer sobre o assunto proposto. De acordo com Boni e Quaresma (2005), o entrevistador/pesquisador deve seguir uma série de questões pré-definidas, mas ele o faz em algo semelhante ao de uma conversa informal. É um tipo de entrevista utilizado quando se deseja certa quantidade de informações, alcançando assim um maior direcionamento para o tema, a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Foram realizadas no total trinta e nove entrevistas com as famílias das comunidades sendo catorze na Linha Barão, cinco na Linha Lavina, quinze na Vila Ipê e cinco na Linha Planalto. As mesmas foram realizadas no período de 9 de setembro à 4 de novembro de 2017. As entrevistas foram identificadas por Q₁, Q₂... Q₃₉, de acordo com o número do questionário.

Gil (1999) destaca a entrevista como uma importante ferramenta onde a descreve como

Uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com a finalidade de obter dados que interessem a investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social, é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das

partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1999, p.117).

Schneider (1999), analisando a pluriatividade na agricultura familiar afirma que: “essa técnica é um instrumento importante para a investigação sociológica, porque permite ao sujeito investigado a estruturação de explicações sobre sua condição e a realidade em que vive” (SCHNEIDER, 1999, p.224).

Após a elaboração do roteiro e ter os nomes das mulheres jovens iniciou-se a aplicação das entrevistas. A abordagem das jovens entrevistadas ocorreu em suas residências. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Com a análise das entrevistas buscou-se relacionar as respostas com os objetivos da pesquisa. Em muitas residências as entrevistas foram realizadas com a participação de toda a família e, em outras, apenas com as mulheres. Buscou-se, então, analisar as perspectivas para o futuro, a importância da mulher na propriedade e os desafios enfrentados no dia-a-dia.

4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

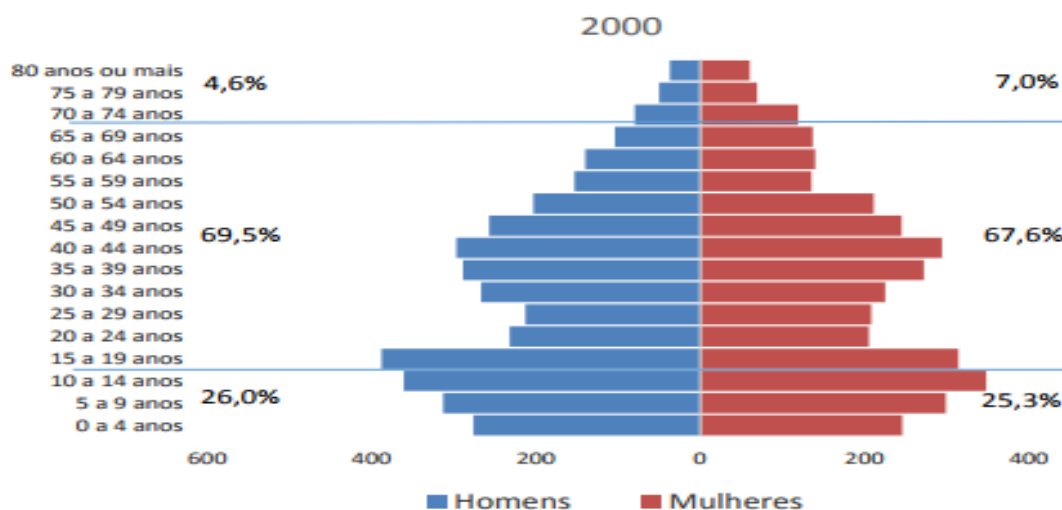
4.1 HISTÓRICO E POPULAÇÃO

São Paulo das Missões é um município considerado novo, em que sua emancipação foi em seis de maio de 1966. De acordo com o IBGE (2010) a população estimada era de 6.367 habitantes. Sua extensão territorial é de 238,64 km² e localiza-se na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e possui 23 comunidades rurais.

Como área política, São Paulo das Missões pertencia ao Município de Rio Pardo, São Luiz Gonzaga e Cerro Largo. A origem do nome "SÃO PAULO" é porque a data em que os primeiros imigrantes alemães, vindos da "Colônia Velha" chegaram 25 de janeiro, é dia da conversão de "São Paulo", mais tarde foi acrescentado "DAS MISSÕES", por situar-se na Região das Missões.

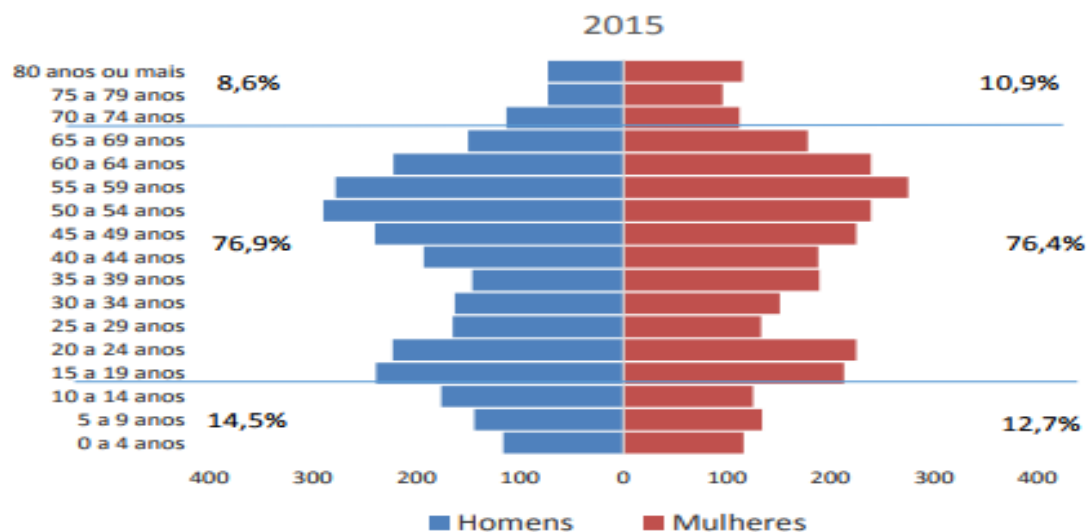
Fazendo um comparativo da população entre os anos de 2000 e 2015 (Figuras 2 e 3) percebe-se a diminuição da taxa de natalidade e o envelhecimento da população. Analisando as características (Figura 4) constata-se que a população rural representa 66% da população do município. E ainda, que a população entre homens é praticamente igual, sendo 51% homens e 49% mulheres.

Figura 2 - População do município estimada no ano de 2000.



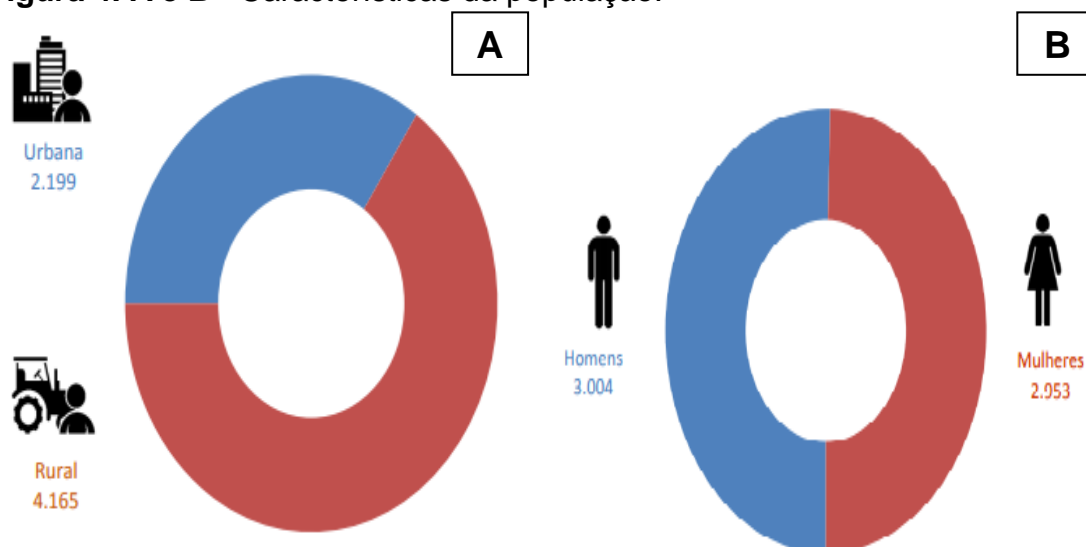
Fonte: SEBRAE (2017).

Figura 3 - População do município estimada no ano de 2015.



Fonte: SEBRAE (2017).

Figura 4. A e B - Características da população.



Fonte: SEBRAE (2017).

4.2 AGRICULTURA

A principal atividade econômica no município é a atividade leiteira. Porém, de acordo com os dados da EMATER/RS-ASCAR do município, a produção de leite tende a manter-se estável nos próximos anos, pois, observa-se uma diminuição no número de produtores de leite que nos últimos dois anos

diminuíram em torno de 100 produtores. Essa diminuição ocorre devido às exigências de mercado, aposentadoria e migração para a cidade.

A bovinocultura de corte é um setor que tende a aumentar, pois atrai algumas famílias que trabalhavam na atividade leiteira e, também, devido ao envelhecimento da população rural que busca outras fontes de renda em atividades que apresentam um trabalho menos penoso e que também, necessitam menos mão de obra. Na suinocultura, a tendência é manter-se estável ou aumentar a produção no sistema integrado, principalmente terminação.

A produção de grãos aumentou nos últimos anos, devido à tecnologia baseada na compra de máquinas, implementos agrícolas, melhoria da estrutura do solo e investimentos de maior potencial produtivo e tratamentos culturais, oriundos do crédito rural.

Na área da olericultura o município possui nove produtores tecnificados na atividade, sendo que a tendência é cada vez mais promissora. É uma atividade altamente lucrativa em relação à área ocupada e, por isso, o Escritório Municipal da Emater está incentivando a implantação de agroindústrias para agregar valor à esses produtos.

4.3 CARACTERIZAÇÕES DAS COMUNIDADES

A escolha das comunidades sucedeu-se pela localização geográfica (Figura 5), pelos diferentes sistemas de produção agropecuários e, ainda, pela organização dos jovens presentes nas comunidades.

A comunidade de Linha Barão fica distante cerca de 7 km da sede do município, ao leste, e, caracteriza-se pela religião Protestante e por muitos descendentes alemães com seus antecedentes advindos da Pomerânia, país extinto do continente Europeu e com dialeto próprio. Hoje, a comunidade é formada por 34 famílias que praticam a agricultura familiar e a principal atividade é a leiteira devido às características de relevo que dificulta o cultivo de grãos, por exemplo. É uma região com relevo acidentado.

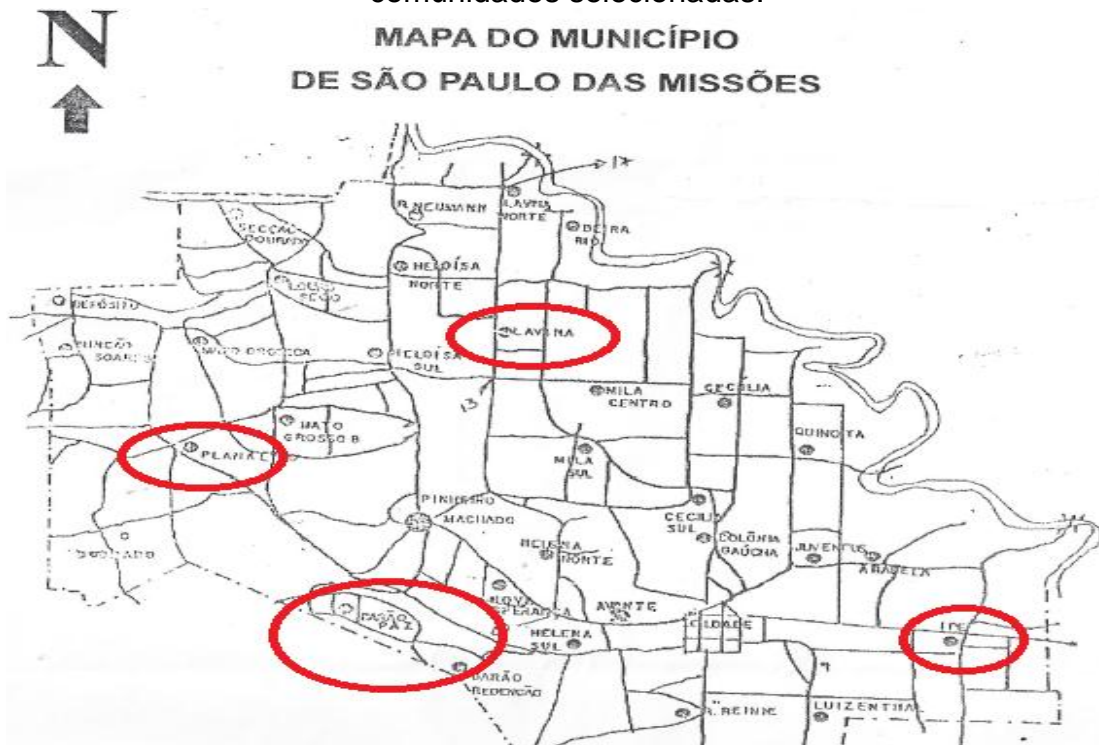
Quanto às características de imigração, Linha Lavina tem semelhança com a comunidade anteriormente descrita, porém, na religião, estão presentes,

também, famílias católicas. Localiza-se a 20 km da sede do município, ao norte. Possui um total de 99 famílias e as atividades econômicas desenvolvidas são bovinocultura de leite e o cultivo de grãos devido às condições de solo favorecidas.

A comunidade da Linha Planalto distancia-se a 15 km da sede do município, ao leste, constituindo-se de 91 famílias. Quanto à religião presente é a Católica e Evangélica. Na localidade, encontram-se pequenos produtores de leite e em contrapartida a forte presença de criadores de gado de corte com maior número de terras.

Por último, a localidade com maior número de famílias, 115, a Vila Ipê, distanciando-se a 6 km da sede do município, possuindo acesso asfáltico até a cidade por conta da RS 168. O relevo é caracterizado por relevo de superfície plana, facilitando o cultivo de culturas como grãos. O solo também é favorável para esses cultivos. A atividade leiteira é exercida em estabelecimentos com menor área de terras. A religião predominante é Católica.

Figura 5. Mapa do município de São Paulo das Missões com destaque às comunidades selecionadas.

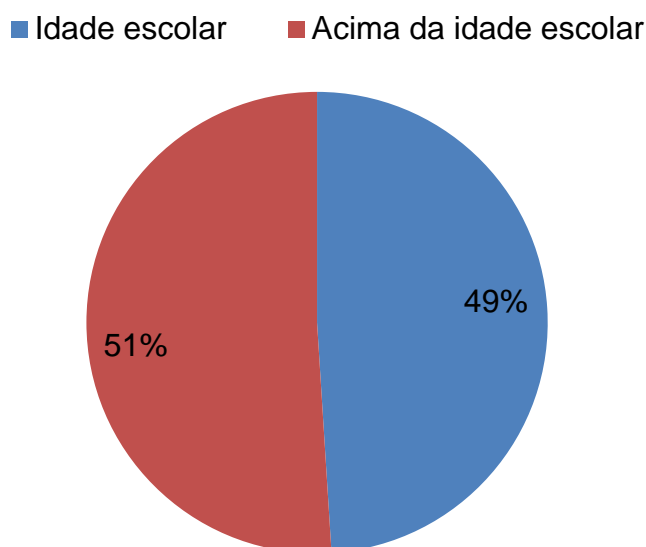


Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo das Missões.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A faixa etária das entrevistadas pode ser visualizada no Gráfico 1, onde 51% das jovens entrevistadas estão acima da idade escolar, ou seja, entre 18 e 29 anos e, as demais possuem idade entre 15 e 17 anos. Ressalta-se que 67% são solteiras.

Gráfico 1. Faixa etária das entrevistadas.



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o nível de escolaridade (Gráfico 2), na categoria Ensino Fundamental 73% ainda não concluíram o mesmo. Dessas, todas pretendem continuar os estudos, pelo menos até o Ensino Médio. As que já terminaram, não pretendem mais estudar e já estão casadas, porém, algumas relatam que se fossem ter oportunidade e mais incentivo teriam continuado o estudo “*eu fiquei no meio rural porque casei. Hoje gosto. Mas talvez, anos atrás, se o pai tivesse deixado estudar não sei se teria ficado, podia tudo ter mudado*” (Q₂).

A maioria das entrevistadas está cursando o Ensino Médio (51%) e dessas, 88% pretendem continuar estudando realizando um curso técnico ou superior. Os cursos que merecem destaque que foram citados são Direito, Medicina, Enfermagem, Jornalismo, Pedagogia, Medicina Veterinária e

Agronomia. As demais não souberam dizer o que pretendem fazer futuramente. Apenas 15% pretendem realizar uma graduação e voltar à propriedade. São propriedades que já possuem um bom nível de mecanização o que se torna um atrativo para assim retornar. Das que já terminaram o ensino médio, uma taxa de 22%, não pretende mais estudar, pois estão satisfeitas. Muitas dessas realizam atividades fora da propriedade, apenas auxiliando nos afazeres no tempo livre.

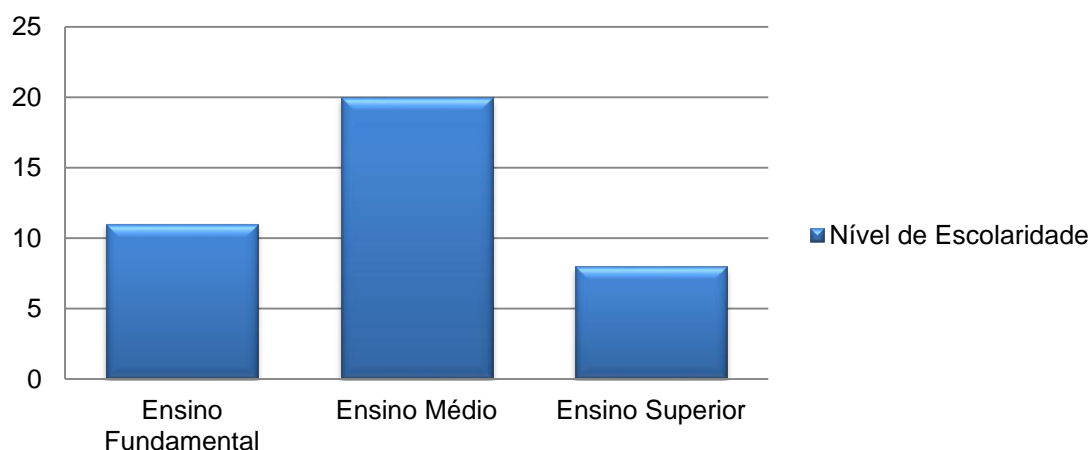
Dalcin e Troian (2009), em um estudo de caso sobre “Os jovens no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer” apontam que:

Dentre as dificuldades encontradas para a formação de novas unidades produtivas estão o desejo de muitos jovens de não dar continuidade ao processo reprodutivo social das propriedades semelhante ao de seus pais nas atividades rurais. Isso significa dizer que o êxodo rural em que predomina a agricultura familiar hoje, atinge as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores (DALCIN e TROIAN, 2009, p.6).

Em relação ao nível Ensino Superior todas entrevistadas que se enquadram nesta categoria, estão cursando o mesmo. Dessas, apenas 25% pretendem retornar a propriedade para dar continuidade. Como relatado no Ensino Médio, são propriedades com maior aporte de máquinas agrícolas e também já apresentam boa produtividade leiteira ou suinocultura. As demais pretendem realizar cursos que não possuem relação com o meio rural diretamente, sendo por vontade própria ou conselho dos pais “*quero estudar e não pretendo ficar no meio rural. Meus pais incentivam o meu estudo, pois querem que eu garanta um futuro melhor*” (Q₂₆).

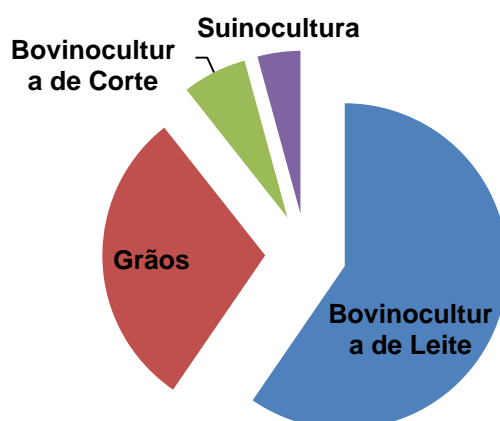
Alguns pais relataram que gostariam que as filhas dessem continuação à sucessão da propriedade, mas, por outro lado, querem que as filhas tenham uma vida “diferente” que eles tiveram. Spanevello (2008) considera que:

Os efeitos dessas mudanças entre os agricultores podem ser sentidos nos encaminhamentos profissionais que os pais tentam dar aos filhos. Atualmente, por conta das alterações na percepção sobre a ocupação agrícola, o encaminhamento dos filhos para seguir na agricultura já não é mais um processo mantido de maneira incondicional pelos pais, no mesmo sentido dado no passado, segundo o qual ‘filho de agricultor também é agricultor’. Os esforços para tornar os filhos agricultores são dependentes das condições locais e dos estabelecimentos familiares (SPANVELLO, 2008, p. 144).

Gráfico 2. Nível de escolaridade das jovens entrevistadas.

Fonte: Elaborado pela autora.

As principais atividades desenvolvidas pelas jovens e suas famílias, nas localidades podem ser observadas no Gráfico 3. Observa-se que a atividade leiteira ganha destaque em todo o município, sendo a base econômica, principalmente na agricultura familiar. A atividade de grãos é “tradicional” em algumas áreas do município, onde o relevo é adequado para o cultivo, que são as regiões mais planas. Destaca-se o cultivo de soja, milho e trigo. As atividades de bovinocultura de corte e suinocultura estão em crescente desenvolvimento.

Gráfico 3. Principais atividades agrícolas desenvolvidas pelas famílias das jovens entrevistadas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em 48% das famílias algum dos integrantes realiza atividade fora da propriedade, o que podemos chamar de pluriatividade. Essa atividade ganha destaque por complementar a renda familiar. Segundo Schneider (2003), a pluriatividade se refere a situações em que os componentes de uma família que moram no meio rural passam a dedicar-se a tarefas de um conjunto variado de atividades produtivas e econômicas, que não são necessariamente ligadas à agricultura.

Wanderley (1999) afirma que a pluriatividade e o trabalho realizado fora do meio rural de algum integrante da família, não quer dizer emigração, e podem ser considerados fatores positivos, pois pode aumentar a renda familiar. Isso vai fazer com que o êxodo rural diminua e permita que as atividades relacionadas à agricultura familiar se fortaleçam.

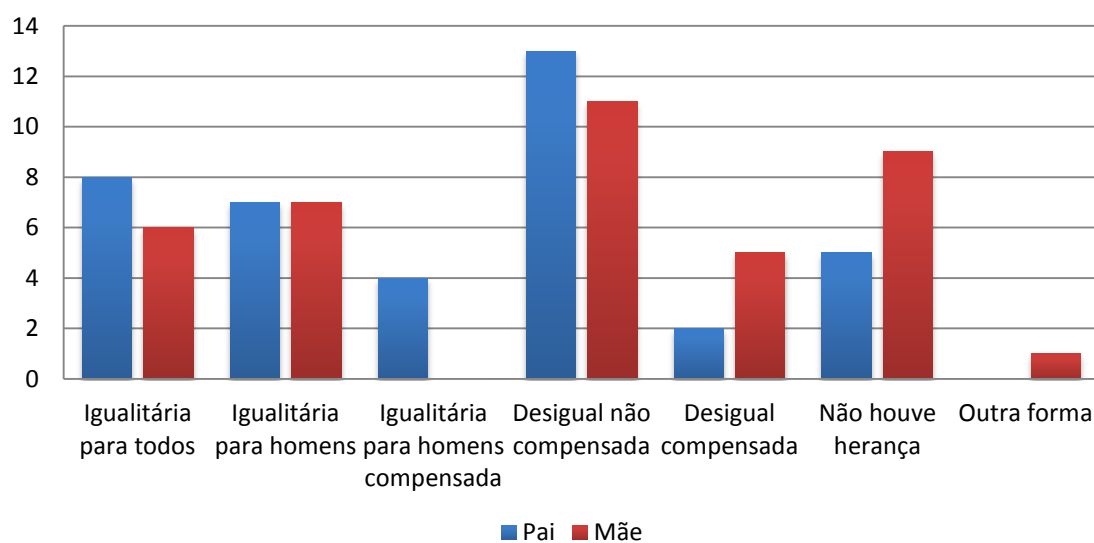
Quanto às outras atividades agrícolas destacam-se, ainda: a subsistência, o cultivo de milho para a produção de silagem e pastagem. São atividades complementares, porém, possuem papel importante na questão da diversificação, especialmente à agricultura familiar.

Observa-se que as principais atividades executadas pelas mulheres na propriedade são os afazeres domésticos, realização de atividades de subsistência e a participação na atividade leiteira. Em um estudo Magalhães (2009), afirma que na produção leiteira, o serviço é realizado pelas mulheres e o aprendizado é passado de mães para filhas. Através dos relatos, constatou-se que na maioria dos casos não é apenas uma 'participação' das mulheres, mas sim, são elas que tomam a frente da atividade, pois, os pais ou maridos realizam alguma atividade não agrícola, não auxiliando na mesma.

Ao serem questionadas sobre a importância do seu trabalho na propriedade, obtiveram-se relatos otimistas: *“com certeza o que eu faço é importante, porque se minha mãe fosse fazer tudo sozinha seria bem puxado pra ela, e como o pai trabalha fora, a minha ajuda é fundamental”* (Q₂₁); *“pra mim é muito importante, eu me criei nisso e é uma coisa que eu sempre vou gostar.”* (Q₁₇); *“O que eu faço é bem importante, porque geralmente o pai e a mãe estão trabalhando, o pai como pedreiro e a mãe como agente de saúde, e nós (eu e minha irmã) vamos adiantando o serviço em casa, aí quando eles chegam já não tem tanta coisa pra eles fazer.”* (Q₇).

Quanto a distribuição de terras na geração anterior podemos observar, no Gráfico 4, que a maioria das distribuições de terras foi desigual e não compensada tanto pela parte da família do pai como da mãe “*na família do pai, ela já não ganhou nada, foi muito desigual a distribuição a mãe e as irmãs dela receberam menos que os irmãos, o que era errado, hoje em dia a maioria já recebe de forma igual*” (Q₁₄). A maioria das mães das entrevistas não ganharam terras, apenas alguns móveis para a casa, alguma parte em dinheiro ou, ainda, nada. De acordo com Abramovay et al. (1998), mais um fator que é decisivo para a permanência da mulher no meio rural é a questão da herança, em que na maioria dos casos, quando se tem irmãos homens, quem fica com as terras são eles.

Gráfico 4. Forma de distribuição da herança na geração anterior das famílias dos pais das entrevistadas.

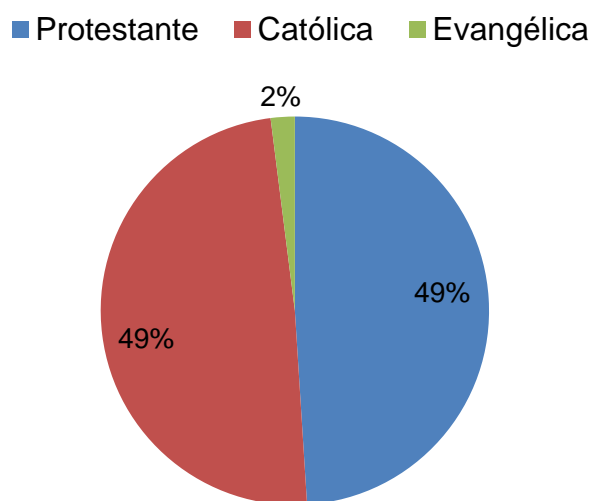


Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à propriedade atual se foi herdada ou adquirida, 62% afirmaram que a área foi herdada, na maioria dos casos pela família por parte do pai seja por distribuição entre os demais irmãos, ou, ainda, pelo fato da família ter ficado cuidando dos avós. São famílias melhores estruturadas em questão de terra e capital.

Outro aspecto importante evidenciado é quanto ao papel da religião nas localidades analisadas (Gráfico 5). De acordo com Dalcin e Troian (2009), a religião é um fator que influi nas decisões, participação de grupos de jovens e a permanência ou não no meio rural. Como exemplo, analisando as entrevistadas protestantes, 58% pretendem seguir trabalhando no meio rural. Já das entrevistadas católicas, apenas 25% pretendem permanecer na profissão de agricultoras.

Gráfico 5. Porcentagem de jovens entrevistadas pertencentes as religiões Protestante, Católica e Evangélica.



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que a religião está muito presente na vida das mulheres entrevistadas e, é visível a existência dos diferentes grupos religiosos na questão de organização e encontros que realizam. Este fator define as formas de relacionamento entre os jovens. Na religião católica os jovens se encontram geralmente aos sábados e as atividades realizadas por eles são realização de catequeses, participação de liturgias em cultos ou missas e auxílio nos eventos que possuem no clube das sociedades. Já os jovens que pertencem à igreja protestante, possuem grupos que se encontram esporadicamente, aos domingos, para realizar encontros ou estudos e depois realiza atividades esportivas e, também, participam em cultos “*por isso é importante realizar investimentos nas comunidades como construir quadras esportivas para manter um atrativo para os jovens no interior*” (Q₃₈). Das protestantes, 63%

participam ou já participaram de alguma diretoria de departamentos de jovens. Para Gaelzer (1979), a recreação prepara o cidadão para ter liberdade, manter saúde integral, formação de personalidade e se adaptar a vida social e a, ainda, promove a liderança.

Sobre a questão referente às políticas públicas voltadas para os jovens permanecer no interior, destaca-se a necessidade de implantar programas adequados e específicos, como maneira de incentivar a permanência e participação deles no meio rural *“acho que deviam incentivar os agricultores familiares, fornecer uma ajuda financeira, alguma coisa desse tipo. Aumentar os preços pra incentivar produzir mais. Falta algo também do município, algum apoio técnico, talvez que passasse em cada propriedade e fornecer um apoio para os agricultores”* (Q₃₁); *“Falta incentivar os jovens a buscar uma graduação que ajude e que faça crescer no meio rural tendo mais qualidade”* (Q₂₅).

A parte do apoio técnico ganhou destaque nas respostas como no seguinte trecho:

[...] está faltando incentivo das autoridades. Por exemplo, que nem esses cursos técnicos que são ofertados, aqui na comunidade quase não tem, isso falta, pra levar mais informação aos agricultores, levar mais assistência técnica. Que nem quando é votado naquelas prioridades do município, por meio da Consulta Popular, a parte da agricultura sempre ganha pra vir novos investimentos, mas é só pra comprar coisas como máquinas e não a parte técnica, nem todos tem acesso à informação, conhecimento. Cooperativa parece que hoje em dia não funciona mais, o povo é muito capitalista, mas devia ter mais apoio nessa parte por parte do município, valorizar mais a agricultura. Deviam incentivar, por exemplo, mais a horticultura, já que as terras não são tão favoráveis para o cultivo de grandes culturas, só que alguém precisa capacitar as pessoas e garantir que o que vão produzir vai ter saída e principalmente um bom preço (Q₁₂).

Destaca-se também, a disponibilização de recursos financeiros com o intuito de aumentar a produção e não somente verbas para a aquisição de maquinário agrícola, pois isso pode levar a uma saturação de máquinas provocando o endividamento de alguns agricultores. Ferrari et al. (2004) destaca que

Assim como o poder público investe na capacitação e na formação dos jovens urbanos, há necessidade de construir uma política pública para os jovens rurais que desejam permanecer na agricultura, levando em conta sua heterogeneidade e suas expectativas. Seguir uma profissão diferente da dos pais não deve estar condicionado a deixar o convívio do lar. Para tal, é urgente construir no espaço rural as condições mínimas de cidadania, como educação, saúde, moradia e lazer (FERRARI et al., 2004, p. 268).

Em estudos realizados na região do Vale do Taquari/RS, Wedig e Menasche (2009) relatam que mesmo não realizando atividades agrícolas, os jovens veem o meio rural como um lugar desejado para morar. Neste estudo não foi diferente *“se for o caso de continuar no meio rural, seria apenas para morar em um lugar tranquilo, não para praticar a agricultura em si, pois pretendo fazer um curso superior em outra área. Ter alguns bovinos para o consumo da carne e do leite, horta para ter os próprios chás, temperos, verduras... Morar na cidade com certeza facilitaria para o trabalho no qual quero seguir, mas não me impede de continuar aqui”* (Q₁₆).

As jovens que foram entrevistadas nas comunidades identificaram as seguintes vantagens e desvantagens de viver no meio rural de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1. Vantagens e desvantagens de viver no meio rural apontadas pelas jovens entrevistadas no interior de São Paulo das Missões/RS.

VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> • Tranquilidade; • Água e ar puros; • Espaço; • Produção dos alimentos saudáveis; • Criação de animais; • Trabalho autônomo; • Flexibilidade dos horários de trabalho; • Melhor qualidade de vida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acesso restrito a saúde; • Estradas precárias; • Falta de comércio; • Desvalorização dos produtos (preço baixo); • Falta de oportunidade; • Trabalho cansativo, principalmente em dias muito quentes e chuvosos; • Instabilidade da renda.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os motivos da saída dos jovens do meio rural, destaca-se a desvalorização dos produtos agrícolas, principalmente do leite e falta de incentivo de governos e também dos pais, que desejam uma vida melhor para seus filhos.

A perspectiva de buscar outra ocupação reside no desejo de desenvolver outra atividade ‘menos sofrida’, ‘melhor remunerada’ ou ‘mais valorizada’. Com base nas percepções relacionadas, os

agricultores ressaltam a valorização das ocupações urbanas, considerando como positivo o trabalho urbano, especialmente pelas rendas fixas comparativamente às condições atuais em que se desenvolvem a atividade agrícola, seja pelo desgaste físico da atividade, pelos poucos rendimentos – com produção de pequena escala ou com pouca eficiência produtiva, geradora de menor renda - e valorização do trabalho (geralmente associada à falta de preço dos produtos agrícolas, fazendo o agricultor se sentir um trabalhador pouco remunerado pelo que se produz) (SPANVELLO, 2008, p.152).

Muitos foram os relatos sobre a saída dos jovens: *“Eu acho que é falta de incentivo até por parte dos pais, porque eles querem um futuro melhor para seus filhos. Eles vão em busca de uma vida melhor, vendo os pais passando dificuldade, querem ter um futuro diferente”* (Q₃₂); *“Procuram um ensino superior, e assim, pensam em ter um emprego melhor para sustentar-se, e não querem mais viver no meio rural pois pensam que é um trabalho mais pesado”* (Q₂₂). São afirmações que levam ao fato de que o trabalho na agricultura não garante uma renda certa, pois é muito dependente de fatores climáticos como nos casos da cultura de grãos. Também, de acordo com as afirmações, pode-se considerar que é um trabalho penoso, principalmente na atividade de bovinocultura de leite, que não tem descanso nos finais semana nem feriados, pois a atividade é diária, tendo que enfrentar dias de chuva, frio ou calor.

[...] está faltando mais incentivo para os jovens e na agricultura tudo é incerto: depende do tempo, se vai chover ou não, por exemplo. Tu tem que ter terra boa, que favorece o cultivo. Os preços nem se fala, é tudo muito variável, porque querendo ou não, o teu custo de vida por mais simples que seja, tu tem que ter da onde tirar o dinheiro e, ainda, tem que torcer pra ter uma saúde boa pra não ter mais gastos nessa parte (Q₃).

Ao relacionar a permanência das mulheres jovens no meio rural com as mudanças tecnológicas, 90% responderam que na propriedade em que tem possibilidade de investimento nesse setor, isso faz com que os jovens permaneçam, pois facilita o trabalho.

[...] com certeza, as tecnologias ajudam muito. Os jovens precisam cada vez menos fazer trabalho pesado, usar o “braço”, as máquinas fazem todo o trabalho. Se os jovens aprendem a operar as máquinas, o que é mais fácil para eles terem vontade de ficar no meio rural trabalhando (Q₃₈).

Muito se relacionou a questão de ficar ou não, com relação ao nível de mecanização da propriedade e a quantidade de terras que a família possui: *“Eu acho assim, onde tem uma família com propriedade grande onde tá bem*

desenvolvido, tem um bom maquinário, acho que o filho fica. Mas onde tem pouca terra, o filho não fica porque não tem como desenvolver algo melhor” (Q₄); “parece que os lugares onde ficam mais jovens é onde tem maquinário, onde tem bastante terra e maquinário, que facilita o trabalho”(Q₆). Essa questão leva ao fato das famílias serem influenciadas pela questão cultural, onde só deve ter o cultivo de grandes culturas, porém, nos dias atuais, o ramo da fruticultura e horticultura vem mudando muito a vida de pequenos agricultores familiares.

Balsan (2006) em um estudo sobre os impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira destaca que as políticas que incentivam a modernização, não atingem as pequenas unidades agrícolas.

As que responderam que as mudanças tecnológicas fazem com que os jovens saiam mais foi pelo motivo de que as novas máquinas agrícolas necessitam de poucas pessoas para a realização do trabalho, causando, assim, a evasão.

Del Grossi e Silva (2002, p.17-18) colocam que: “a expansão da modernização, e principalmente da terceirização das tarefas agrícolas, conduz a uma individualização da atividade agrícola, com reflexos importantes na organização do trabalho familiar”. Ou seja, o trabalho que anteriormente era realizado por toda família, agora pode ser feito por apenas um integrante.

Ao relatar a importância do papel da mulher no meio rural, as entrevistadas afirmaram sua importância na realização das tarefas, que vão desde a parte dos cuidados da casa, filhos como nas atividades de subsistência e principalmente leiteira. A agricultura familiar é muito caracterizada pela divisão sexual do trabalho. Conforme Magalhães (2009), na produção leiteira, o serviço é realizado pelas mulheres e o aprendizado é passado de mães para filhas.

[...] eu vejo essa minha ajuda sendo muito importante para o funcionamento da propriedade, porque como o leite é a principal fonte de renda, e como realizo a ordenha, acho que é importante (Q₁₆).

[...] a saída das mulheres é um problema, pois elas vão querer um emprego na cidade e os homens continuar na agricultura, aí já não da certo. A parte da subsistência quem mantem são as mulheres, que cuidam da horta, mandioca, e se elas saírem, ninguém vai fazer isso. E outra, a mulher tem papel importante no momento de tomar as decisões, quando se juntam as ideias, o andamento é melhor (Q₃₇).

Também, relataram a importância que as mesmas têm no poder de tomada de decisão, em que ajudam a decidir os rumos da propriedade. Outra questão abordada foi o processo de masculinização do meio rural, que pode ser considerado um problema.

[...] a mulher tem papel muito importante na agricultura, ela ajuda na palavra final. Às vezes, se discute quando a coisa não vai bem, vamos fazer de outro jeito pra melhorar e assim vai. É muito importante que o casal sempre trabalhe junto, tem que ter a opinião dos dois. (Q₆)

[...] se as mulheres continuar saindo do interior vai dar muito problema: como os homens vão ficar se não tem uma companheira? Eles precisam de alguém pra ajuda-los. Ficar sozinho desanima. A pessoa fica doente, entra até em depressão. Eu e meu marido fizemos o seguinte: os dois administram, porém eu anoto mais, cuido cada detalhe, entradas e saídas, ele não tem cabeça pra isso, cuida mais dos outros afazeres. A gente divide as tarefas (Q₁₃).

[...] é bem importante a mulher trabalhando na propriedade, que nem aqui em casa se não tivesse minha mãe quem iria fazer o trabalho, porque o pai tá direto trabalhando fora. E é importante ela decidir nas decisões, um não pode decidir sozinho, aí nada funciona [...]. (Q₃₁).

[...] a mulher tem papel importante, da mesma forma como o homem. Aqui em casa quem toma a decisão final é minha mãe, ela faz os negócios, ela decide muita coisa porque meu pai tá mais fora. É ela que acaba tomando a frente. Mas claro, o casal tem que decidir junto. Na família da mãe, não era assim, meu vô era muito autoritário, e aqui é bem diferente (Q₃₀).

[...] a mulher tem papel importante na propriedade, eu até acho que muitas vezes existe aquela coisa de antigamente, ah só o homem que toma a frente. Eu acho que a mulher tem sim papel muito importante, desde cuidar do lar, o que também deveria ser mais valorizado, porque alguém tem que fazer isso. A mulher tem que se valorizar mais no que ela faz, se ela não se valorizar, quem vai? (Q₂₈).

Para Rauber (2010), a masculinização rural deve receber mais atenção por parte de pesquisadores e também mentores de políticas públicas, pois é um problema que afeta diretamente em todo desenvolvimento rural. A sustentabilidade social dos espaços rurais vem sendo comprometida e a formação da família também está sendo afetada.

De acordo com o Quadro 2, pode-se observar separadamente cada comunidade de acordo com suas características. As comunidades diferem quanto às perspectivas de permanência da juventude feminina rural. As comunidades com nível de escolaridade mais elevado são a Linha Barão e a Vila Ipê. A comunidade da Linha Lavina é a que mais as jovens pretendem permanecer em relação ao número de entrevistadas e a principal atividade agrícola é a bovinocultura de leite. Na comunidade da Planalto é onde menos as meninas jovens pretendem permanecer, o que pode ser explicado pelo

acúmulo de capital naquela localidade por parte de alguns criadores de gado de corte.

Quadro 2. Caracterização das comunidades rurais onde residem as entrevistadas.

	L^a BARÃO	PLANALTO	L^a LAVINA	VILA IPÊ
PERFIL	Relevo: acidentado	Relevo: planície	Relevo: predominante planície e presente acidentado	Relevo: planície
	Bovinocultura de leite	Bovinocultura de corte e leite	Bovinocultura de leite e grãos	Grãos e suinocultura
	Nível de mecanização: baixo	Nível de mecanização: baixo	Nível de mecanização: médio	Nível de mecanização: médio a alto
	Perfil Intermediário*	Grande diferença no acúmulo de capital*	Perfil Intermediário*	Capitalizado*
Número de entrevistas	14	5	5	15
Educação	Ens. Fund.: 3	Ens. Fun.: 3	Ens. Fun.: 2	Ens. Fun.: 3
	Ens. Méd.: 7	Ens. Méd.: 2	Ens. Méd.: 3	Ens. Méd.: 8
	Ens. Sup.: 4	Ens. Sup.: 0	Ens. Sup.: 0	Ens. Sup.: 4
Média de área (ha)	25	8	29	21
Permanência por escolaridade	Ens.S. → P**: 1 / S***: 3	Ens. S. → P: 0 / S:0	Ens.S. → P: 0 / S: 0	Ens.S. → P: 0 / S: 4
	Ens.M. → P: 4 / S: 3	Ens.M. → P: 1 / S: 1	Ens.M. → P: 2 / S: 1	Ens.M. → P: 2 / S: 5
	Ens. F. → P: 2 / S: 1	Ens.F. → P: 0 / S: 3	Ens. F. → P: 1 / S: 1	Ens. F. → P: 1 / S: 2

*Série comparada e elaborada pela autora a partir da comparação entre as quatro comunidades de acordo com a leitura de paisagem.

**Mulheres e jovens que pretendem permanecer no meio rural.

***Mulheres e jovens que pretendem sair do meio rural.

Fonte: Elaborado pela autora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, constatou-se que o número de mulheres jovens presentes nas comunidades rurais é baixo. Destaca-se, também, o desejo das jovens em continuar residindo no meio rural, porém, trabalhando na cidade, pois não demonstram interesse em seguir a profissão de agricultoras. Juntamente, vem à questão da pluriatividade, presente em muitas famílias, que é uma forma de garantir a reprodução social.

As entrevistadas e suas respectivas famílias apontam como fator de desinteresse e saída da agricultura mais facilidade ao acesso de estudo, inclusive superior e a oferta de empregos no meio urbano que faz com que as mulheres se sintam mais valorizadas socialmente. Conclui-se, também, que os pais são grandes incentivadores para que os filhos vão à busca de uma formação melhor e tenham um futuro, que para eles, é considerado melhor.

Comprova-se a existência de dois grupos de mulheres: um grupo, a minoria, caracterizado pelas jovens que desejam permanecer no campo dando sequência as atividades agrícolas, seja porque vão herdar a propriedade dos pais ou, porque casaram com agricultores e, o outro grupo, que pretende ir para a cidade em busca de educação ou emprego.

Sobre a questão da herança, muitas famílias a tiveram distribuída de forma desigual, porém, através dos depoimentos dos pais das entrevistadas, constata-se que há uma nova forma de distribuição da terra entre os filhos, ou seja, de maneira igual. Também, os filhos estão livres para decidir se pretendem continuar os estudos e abrir mão das terras, recebendo valores em dinheiro, ou então, continuar na propriedade dando seguimento à sucessão rural.

É evidente que a religião está presente na vida das jovens entrevistadas, tendo destaque dois grupos: um representado pela igreja protestante e outro pela igreja católica.

A presente pesquisa constatou a necessidade da criação de novas técnicas para o desenvolvimento rural, por meio da criação e melhoramento de políticas públicas para a consolidação da agricultura família, como forma de

garantir a permanência no meio rural das gerações novas e fazer com que essa geração continue na execução de atividades agrícolas.

Muitas são as dificuldades no campo, como, por exemplo, a baixa valorização dos produtos agropecuários que, por muitas vezes, desmotivam a continuação deste trabalho, e, o difícil acesso devido a estradas em situação precária. Porém, há muitos pontos positivos, como um lugar tranquilo e bom de viver com melhor qualidade de vida, mais seguro e a possibilidade de ter alimentos saudáveis advindos da atividade de subsistência.

Como visto, a sucessão rural depende de diversos fatores e não há dúvidas que está sendo ameaçada. Contudo, é possível acreditar nas possibilidades existentes de continuação dessa atividade planejando ações visando aprofundar os estudos aqui iniciados. Juntando ideias, entidades, razões sociais, e pessoas realmente interessadas na questão, é possível realizar diálogos com o objetivo de traçar metas e estratégias que sejam de ordem prática e, ainda, modificar ou redesenhar políticas públicas para o incentivo da permanência dos jovens de maneira geral.

Diante de tudo, conclui-se que os objetivos deste estudo foram atingidos, pois houve entendimento do que foi proposto. Este tema apresenta-se muito interessante e instigante. O embasamento teórico foi importante para confirmar os resultados obtidos.

A experiência desta pesquisa foi enriquecedora, pois, o trabalho a campo proporcionou uma aproximação com as jovens e suas famílias. Mesmo não conhecendo muitas das jovens entrevistadas, fui muito bem recebida em todas as propriedades, fazendo com que as entrevistas se tornassem uma conversa de alguma maneira descontraída. Com a realização das entrevistas, muitos dos relatos já eram esperados, porém, alguns se destacaram pelo fato da mulher reconhecer a sua importância na unidade de produção familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. **Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo.** Brasília, IPEA, Projeto BRA/97/013, mimeo (primeiro relatório de pesquisa), 1999. p. 1-28.
- ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília, DF: UNESCO, 1998.
- ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. **O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização.** Ensaios FEE, Porto Alegre, v.26, n.1, p.661-69, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v40n2/a469cr2481.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2017.
- ASSAD, M. L. L.; ALMEIDA, J. Agricultura e sustentabilidade: contexto, desafios e cenários. **Revista Ciência & Ambiente**, Santa Maria, v.1, n.29, 2004. p.15-30.
- BALSAN, R. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. *Revista de geografia agrária*, Rio Grande, n.2, 2006, p. 123-151.
- BARROS, G.S.C.; SILVA, S.F. **O saldo comercial do agronegócio e o crescimento da economia brasileira.** Disponível em:<http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/saldo_cresc.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2017.
- BINKOWSKI, P. **Conflitos ambientais e significados sociais em torno da expansão da silvicultura de eucalipto na “Metade Sul” do Rio Grande do Sul.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. 212p.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v.2, n. 1, p. 68-80. Disponível em: <www.emtese.ufsc.br>. Acesso em 05 jun. 2017.
- BRUMER, A.; DUQUE, G.; LOURENÇO, F. A.; WANDERLEY, M. N. B. A exploração familiar no Brasil. In: LAMARCHE, H. (coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional – uma realidade multiforme.** Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 179-234.
- BRUMER, A. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis/SC, Es. Feministas, 2004, p. 205-227.
- BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil.** Relatório de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS; Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008.

- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Texto para discussão nº 621. Brasília: IPEA, 1998.
- CANEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores rurais. **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.1,2001.
- CHEMIN, B. F.; AHLERT, L. **A Sucessão Patrimonial na Agricultura Familiar**. 2010. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/viewFile/13/3>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- COSTA, M. R. C. **Agricultura familiar e sucessão hereditária**: estudo de caso no município de Morro Redondo, RS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2006. 124 p.
- DALCIN, D. ; TROIAN, A. **Jovem no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer**: um estudo de caso. UFPR, 2009. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolítica/GTsONLINE/GT7%20online/jovem-meio-rural-DioneiaDalcin.pdf> >. Acesso em: 27 abr. 2017.
- DEL GROSSI, M. E. ; SILVA, J. G. Da. **Novo rural**: uma abordagem ilustrada. Londrina: IAPAR, 2002.
- FERRARI, D. L., et al. **Dilemas e Estratégias dos Jovens Rurais**: ficar ou partir? Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, vol. 12, n2, 2004, p.237-271.
- FROELICH, J. M.; RAUBER, C. da C.; CARPES, R. H.; TOEBE, M. **Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS**. Revista Ciência Rural, Santa Maria, v.1, n.9, p.1674-1680, set, 2011.
- GAELZER, L. **Lazer**: benção ou maldição? Porto Alegre: Sulina, 1979. 191 p.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONÇALVES, J. C.; PONTILI, R. M.; SOUZA, E. L. C. Crescimento do mercado de trabalho paranaense atinente ao segmento industrial, de abate e fabricação de produtos de carne, na década de 2000. In: Encontro de produção Científica e Tecnológica, 6., 2011, Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: FECILCAM/NUPEN, 2011, 15 p.
- GRISA, Catia. **A produção “pro gasto”**: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. 2007. 201 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2007.
- GUANZIROLI, C.; CARDIM, S. E. (Coord.). **Novo Retrato da Agricultura Familiar**: O Brasil redescoberto. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica FAO/INCRA, fev/2000, p.74. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/fao/pub3.html>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431930>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

JARDINY, M. L. T. **Evolução da população do Rio Grande do Sul**. Documentos FEE In: ACCURSO, J. S. (Coord.) O Rio Grande do Sul e sua população. Porto Alegre: n. 51, out. 2002, p. 57-88.

Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006: “**Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em: 17 abr. 2017.

MAGALHÃES, R. S. A “masculinização” da produção de leite. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.47, n. 1, p. 1-11, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032009000100010>. Acesso em: 07 jun. 2017.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. Histoire des agricultures du monde, Paris, Seuil, 1997; Diamond, Jared. Armas, germes e aço. Rio de Janeiro, Record, 2003; Olson, Steve. A história da humanidade. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2003.

MENASCHE, R.; ESCHER, S. **Gênero e agricultura familiar**: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite. DESER e Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais do paraná: Curitiba, 1996.

NEVES, D.; MEDEIROS, L. (Orgs.) **Mulheres camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E A ALIMENTAÇÃO. (2011) **O Estado Mundial de la agricultura y la alimentación**. Roma: FAO, parte I.

PAULILO, M. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, 1987, p. 64-70.

RAUBER, Cassiane da Costa. **Masculiniza o da popula o rural no Rio Grande do Sul**: análise a partir dos sistemas agrários. 2010. 115f. Disserta o (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de p s-gradua o em Extensão Rural, Santa Maria, 2010.

REDIN, Ezequiel. **Jovem Rural em questão**. 2011. Doutorado em extensão rural. Universidade Federal de Santa Maria. 2012.

RIOJA, L. A. M. et al. La población rural de Espa a: de los desequilibrios a la sostenibilidad social. Barcelona: Fundación La Caixa, Coleci n Estudios Sociales n  27, 2009. Disponível em:<www.laCaixa.es/ObraSocial>. Acesso em: 01 jun. 2017.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrializa o**. Pluriatividade e Descentraliza o Industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Editora da Universidade, 1999.

SCHNEIDER, S.; SILVA, C. B. de C. Gênero, Trabalho Rural e pluriatividade In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide E MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Florianópolis/SC, Ed. Mulheres, 2010, p. 183-207.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, 1995. 20 (2) p.71-99.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL – SEBRAE/RS. **Perfil das cidades gaúchas**. Disponível em:<http://ambientedigital.sebraers.com.br/Download/PerfilCidades/Perfil_Cidades_Gauchas-sao_paulo_das_missoes.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.

SILVESTRO, M. L. **Transformações da agricultura familiar e estratégias de reprodução**: o caso do oeste catarinense. 1995. 349 f. Dissertação (mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

SPANVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. 236 p.

WANDERLEY, M. N. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. (Org.) Agricultura familiar: realidade e perspectivas. 3. ed. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001, p. 21-55.

WEDIG, C.; MENASCHE, R. **Entre o campo e a cidade**: o lugar do consumo na mobilidade material e simbólica dos jovens rurais. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/715.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

APÊNDICE A – Questionário

AGRICULTURA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA SUCESSÃO FAMILIAR

Entrevistador:.....

Data:.....

Localidade	Nº Questionário

Idade:.....

Nível de escolaridade:

Área da propriedade:

1. Histórico da família (sempre residiu na localidade, quanto tempo mora no local, já morou na cidade, etc.).
2. Quantas pessoas moram na propriedade?
 - 2.1 Na geração anterior, quantos moravam?
 - 2.2 Na geração anterior, quantas mulheres ficaram e saíram da agricultura? Por quê?
 - 2.3 Para os homens, foi igual?
 - 2.4 Algum integrante já saiu da propriedade na geração atual? Se sim, por quê?
3. A propriedade foi herdada ou como foi adquirida?
 - 3.1 Como foram as heranças entre os irmãos e irmãs de seus pais?
(Iguitária para todos, igualitária para homens, igualitária para homens compensada, desigual não compensada, desigual compensada, desigual não compensada com sucessão, não houve herança, outra forma)
 - 3.2 Qual a previsão de distribuição na sua geração?

4. Quais são as principais atividades desenvolvidas na propriedade de importância econômica?
5. Algum dos integrantes realiza outra atividade fora da propriedade? Se sim, qual é a atividade?
6. Comercializam produtos da propriedade em feiras? Fazem parte de alguma agroindústria ou realizam o processamento de seus produtos agrícolas?
7. Quais são as suas principais responsabilidades na propriedade? E dos demais integrantes da família?
8. Como você vê sua importância nas atividades da propriedade?
9. Participa de alguma atividade na comunidade? Já fez ou faz parte da gestão da comunidade ou de algum outro órgão? (ex. cooperativa, sindicato, outros).
 - 9.1 Qual a sua religião e de sua família?
10. Como é viver no meio rural?
11. Para você, quais os motivos da saída dos jovens, principalmente mulheres, do meio rural?
12. E você, pretende ficar no meio rural? Por quê? O que faria mudar de opinião?
13. Que políticas públicas devem ser elaboradas ou modificadas para incentivar os jovens a permanecer no interior?
14. As mudanças tecnológicas que estão ocorrendo no meio rural, ajudam a permanecer ou sair?